



CALIBURN

A VIA DO GUERREIRO (IV)

Do ponto de vista de Shamballah, os seres são todos fundamentalmente bons, ou seja, possuem todas as faculdades de que têm necessidade, daí que não há necessidade de se baterem contra o mundo. A nossa existência é em si boa e não contém em si a agressão. Há apenas que deixarmos que essa bondade fundamental – que existe primariamente em nós – se manifeste e não “criarmos” situações imaginárias e complicativas com energias que se geram a partir de um “sentimento egoísta” que elaboramos nós próprios e a sociedade que nos formou...

Parte-se para um reencontro, caminha-se na Via dessa “essência”, mas sabe-se à partida que ela está já em nós, só precisamos de afastar as “núvens” que a pretendem encobrir. Tais núvens são “ondulações” de emoções perturbadoras e pensamentos assentes em preconceitos egoístas.

A bondade fundamental está estritamente ligada à noção de “bodhicitta”, uma das noções mais importantes da Via e cuja prática conduz, progressivamente, na “Grande Barca de Salvação” – expressão tão querida do nosso Mestre Henrique – o praticante à iluminação. “Bodhi” quer dizer “desperto” e “atento”; “citta” significa “coração”. Assim, bodhicitta, o cerne do “mahayana”, da Via Aberta – uma via religiosa profundamente ligada no passado, tanto quanto no presente à Via do Guerreiro – significa, simplesmente, “coração desperto”. Trungpa revela-nos que um coração desperto “advém da vontade de fazer face ao nosso estado de espírito”.

Estamos abordando um dos aspectos fundamentais da Via do Guerreiro, sem o qual ela abortará por certo. Teremos de ensaiar quantas vezes – quaisquer que sejam os nossos conhecimentos ou teorias, mesmo que “esotéricas”, mesmo que “iniciáticas” – verdadeiramente entrar em contacto com o nosso coração em pleno, de uma forma autêntica.

Teremos de ter a honestidade de nos olhar no espelho, sem temer o sentirmo-nos mal, e ver o “rosto” que de facto lá está projectado... Esse é o nosso “rosto” verdadeiro e é dele sempre que partimos, não de um dos muitos sonhos profanos.

Tudo isto parece muito normal à nossa mente, mas a questão posta pelos Mestres é clara: em que medida é que nós mesmos empreendemos uma relação com nós próprios durante a nossa Vida?

É-nos dito igualmente que, quando procuramos esse “coração desperto”, não descobrimos outra coisa senão uma sensação de ternura. É algo doce, mas simultaneamente doloroso, pois, quando o guerreiro abre os olhos ao mundo que o rodeia, prova uma imensa tristeza. Trata-se, não da tristeza que temos se nos maltratarmos ou insultarmos, mas sim, de uma tristeza “incondicional”, no dizer de Trungpa. Está-se a falar, pois, de uma tristeza não egoísta.

Porém, tal tristeza advém de sentirmos que o nosso coração inexistente, está cheio. Daí advém o amor, a vontade “de verter o sangue do nosso coração, de oferecer o nosso coração aos outros”. Este aspecto é mesmo fundamental. É o tal coração triste mas terno que dá nascimento à verdadeira coragem, não à coragem mundana. Tal coragem emerge como produto da ternura, dessa riqueza de coração, dessa verdadeiramente única nobreza.

Descobrimos, assim, a própria origem da nobreza que tanto ouvimos falar no passado, que simbolicamente se exprimiu por braços e se perdeu com os tempos, restando dela quase somente uma palavra, um vago conceito ridicularizado, quantas vezes, hoje, pelo mundo.

Podemos compreender então as fortes palavras desse sábio shamã, quando dizia ao seu discípulo – ele mesmo produto dessa sociedade ultra-consumista moderna – “o temperamento do guerreiro corta a merda”. Tal declaração firme deve ser entendida, claro, como a necessidade que tem o guerreiro, desde o início da Via, de cortar com o regeitável, com a porcaria que acumulámos em nós, a necessidade de cortar com “as nossas velhas ideias” e passar “a sentir as coisas a fundo”, para podermos compreendê-las verdadeiramente e decidir de como agir, natural e espontaneamente, de acordo com as necessidades do momento presente. Trata-se, pois, de “ver” com rigor o que se está a passar na ocasião, em vez de fazermos uma análise baseada em preconceitos que já temos das coisas e dos seres, como “eles serão” ou de como as coisas irão ser.

.....
ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE

Laura é o nome que tem o 22º, ou último Arcano Maior, também chamado: O Mundo. É sua letra o Thau hebraico, que tem por hieróglifo: o Seio. O Seio da Mulher, ou Mãe, que amamenta seu filho na primeira das 4 idades da vida. Seio, também, da Mãe-Terra, para todos os seres que nela habitam: por isso mesmo, seus filhos. Seio da Terra, ou Laboratório do Espírito Santo, como o denominam as escrituras sagradas do Oriente. Espírito Santo, como se disse em outros lugares, simbolizado pela Ave (Avis) solta por Noé (lido anagramaticamente, é o Eon grego, com significado de: “Manifestação da Divindade na Terra”), e que volta com o esperançoso ramo de oliveira no bico (Ramo racial, entretanto; todo Manu, seja Moisés ou outro qualquer, vem sempre à frente de uma nova raça ou civilização...).

Nos primitivos alfabetos hebraicos, tal letra era representada por uma cruz, embora até hoje fosse ignorado tão obscuro simbolismo, que outro não é senão o Thau, como 22ª letra do referido alfabeto, a relacionar-se, cabalisticamente, com o Mundo. Não é esse o significado do arcano 22? Uma cruz tanto vale pelo número 4 (4 braços, etc.) E a prova é que, astronomicamente falando, possui o seguinte símbolo, ou seja, o mesmo mundo... com o seu pesado madeiro cármico às costas. Enquanto Vénus, como seu reflexo nos céus, é justamente o contrário. Por isso que desse planeta vieram Aqueles que dirigem a Terra: os Senhores de Vénus.

Henrique José de Sousa in “Colombo e Cabral”, Dhâranâ nº 110, Outubro a Dezembro de 1941

A Escola, o Teatro e o Templo

A filosofia Eubiótica postula dois triângulos fundamentais de realização. Um individual e outro grupal. O triângulo individual comporta três níveis de realização que, quando em acção, permitem ao homem a realização integral da divindade que em si reside, a manifestação da tríade superior (a Alma) através do quaternário inferior (a Personalidade). Esses três vértices são, por nós, apelidados de: Transformação, Superação e Metástase Avatárica.

Mas, para que essa potencialidade se transforme em acto, forçoso é que se complete o triângulo grupal de realização, na medida em que só através do trabalho de grupo – de acordo com a tónica Aquariana – se pode processar a sua consumação integral. A esses três aspectos do trabalho de grupo eubiótico damos o nome de Escola, Teatro e Templo.

Na Escola o discípulo é adestrado no conhecimento dos grandes ensinamentos da Sabedoria Tradicional, com especial incidência na sua vertente tipicamente eubiótica. Através dela somos levados a

compreender o modo como se encadeiam as diferentes técnicas e procedimentos aconselhados pelos Mestres de Sabedoria, tendo em vista o desenvolvimento do grupo.

Na vertente do Teatro – através do divino papel desempenhado pela “Personna”, a “máscara”, a Personalidade, no Teatro da Vida – o discípulo interage com os seus irmãos de grupo no sentido da plena realização das suas capacidades, tendo em vista o bem do grupo e da sua egrégora. É no Teatro do quotidiano que aprendemos a nos relacionar com os outros numa perspectiva eminentemente espiritual. Finalmente, é no Templo que a acção dos dois vértices anteriores converge. No Templo o discípulo aplica, por forma concreta – aplicando adequadas técnicas – os ensinamentos da Escola e as vivências do Teatro. No Templo se captam, reelaboram e difundem as energias que outras hierarquias e outros reinos da natureza irão aplicar no desenvolvimento positivo da humanidade rumo à sua integração espiritual.

OS TEMPLÁRIOS (Parte I)

As lendas e tradições cavaleirescas, fundamentadas na demanda do Graal e nos ideias de cavalaria, povoaram todo o imaginário da Idade Média. O poeta francês Chrétien de Troyes seria o iniciador de um vasto ciclo de produção literária cujo mote era, invariavelmente, o da demanda do “vaso de eleição”, o cálice sagrado, onde José de Arimateia teria recolhido o sangue do Cristo, suplicado na cruz pela lança do centurião Longinus. Cálice com o qual Ele teria celebrado a última ceia em companhia de todos os seus companheiros, apóstolos, e, segundo certas tradições, de suas famílias.

Com a obra “O Conto do Graal”, surgida nos finais do século XII, Chrétien de Troyes mais não fez, segundo alguns historiadores, do que recolher antigas e dispersas tradições de origem celta e outras, de raiz popular, muitas delas fundamentadas em antigos textos cristãos considerados apócrifos. O que é certo é que, a partir daí, toda a mística religiosa cristã ganha um alento suplementar pela introdução do conceito de “cavalaria espiritual”.

Isto é, não bastava ao homem medieval que fosse santo, importava que o provasse pela força das armas na luta feroz que o feudalismo europeu empreendia contra o invasor muçulmano. Esta febre de salvação e de redenção espiritual pela bravura guerreira – a que não é estranha a introdução das cantigas de Amigo e de Amor, na poesia trovadoresca, como forma de enaltecimento da mulher amada, já que esta representa o ideal de pureza e perfeição que todo o cavaleiro deve alcançar, conquistar e defender nos momentos de perigo – haveria de motivar o aparecimento de grupos de homens, muitos deles de ascendência nobre, que, à imagem do próprio Cristo, se despiam da sua condição social

elevada para abraçarem uma vida de reclusão e sacrifício em prol de um ideal espiritual. Era esse o caminho prometido e seguro para a sua salvação.

Em 1095, o Papa Urbano II lança, no concílio de Clermont Ferrand, a Primeira Cruzada. Apelando aos sentimentos de nobreza da cristandade conclama à unificação militar europeia para libertação do Santo Sepulcro e da cidade de Jerusalém. Apelidando de guerra santa esta investida contra os infiéis, afirmava que tal empreendimento era do agrado de Deus, estando a vida eterna aberta a todos aqueles que dessem a sua vida por este alto ideal. As Cruzadas tinham o seu início. Em Julho de 1099, Jerusalém caía às mãos de uma cavalaria europeia altamente moralizada e motivada. No meio de um banho de sangue atroz – que haveria de durar 3 dias – cerca de 70 000 homens, mulheres e crianças, judeus e muçulmanos, foram passados a fio de espada pelos cruzados. Na sequência deste empreendimento Hughes de Payens e Godofredo de Saint Omer decidem formar uma ordem de cavaleiros monges a que chamam “A Pobre Milícia do Cristo”. A eles se juntam sete outros cavaleiros, tal como eles curtidos pelos ferozes combates contra os muçulmanos e imbuídos dos mesmos ideais de cavalaria.

Balduíno II, rei de Jerusalém, atribui-lhes, como instalações provisórias de acolhimento, as estrebarias anexas à mesquita de Al-Aqsá. Esta mesquita teria sido construída sobre as ruínas do famoso Templo de Salomão pelo que, a partir desta data passam a designar-se como “Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão”, abreviadamente chamada Ordem dos Cavaleiros Templários. Corria o ano de 1118.

Spirit-WWW

Já nos referimos anteriormente a esse poderoso instrumento de comunicação e disseminação de ideias que é a Internet. Com todos os seus defeitos e virtudes não existe hoje em dia a mínima dúvida de que ela se constituiu como um poderoso instrumento que, se colocado ao serviço de ideais superiores, pode constituir-se como um manancial inesgotável de informação para todos aqueles que pretendem pesquisar os meandros de qualquer assunto.

Numa das nossas viagens por esse “mundo virtual” deparámos, há algum tempo, com uma página localizada em:

<http://www.spiritweb.org/>

e intitulada “Spirit-WWW, Spiritual Consciousness on WWW”. Com excelente aspecto gráfico esta página está exclusivamente dedicada aos assuntos relacionados com o esoterismo, possuindo ligação para outras páginas dedicadas a assuntos do nosso interesse, como astrologia, teosofia, OVNIS, métodos de cura, meditação, reencarnação, entre outros.

Definindo-se à partida como “um local da Internet dedicado à espiritualidade, num contexto moderno, perspectivando antigos

ensinamentos e sistemas religiosos”, afirma-se, também, como “um local independente de qualquer crença ou dogma religioso mas que pretende traçar uma panorâmica de todas as formas de espiritualidade”. E termina com uma citação: “O Amor é a resposta para a questão final”.

Através desta página se pode aceder a arquivos vídeo e áudio sobre temas espirituais, incluindo poesia, música e pintura. Através dele se pode, também, aceder ao tão conhecido “Livro de Urantia” ao qual voltaremos em momento oportuno.

Esta página possui um excelente programa de busca por assuntos que nos remete para todas as páginas conhecidas, na Internet, dedicadas aos temas da espiritualidade. É possível a conversa, em tempo real, através do teclado, com outras pessoas situadas noutras partes do mundo, sobre estes temas, bem como a inscrição em listas de correio “mailing lists” sobre temáticas afins.

Enfim, para todos aqueles que possam aceder à Internet, pensamos que será um local a não perder e a consultar o mais depressa possível.